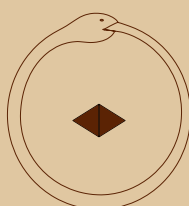


TERCEIRO RELATÓRIO
ESCOLAS VIVAS

Setembro a novembro de 2022

Cristine Takuaí



O QUE FOI FEITO EM CADA ESCOLA VIVA?

Relatos da coordenadora

SHUBU HIWEA

ESCOLA VIVA DO POVO HUNI KUIN

Responsáveis: Dua Buse Huni Kuin

Em setembro Dua Buse, coordenador da Escola Viva Huni Kuin, esteve no município do Jordão AC, organizando a compra de materiais para subir o rio e, assim, acompanhar algumas construções que fazem parte do plano de estruturação da Aldeia Coração da Floresta. Ainda em processo de recuperação após a cirurgia feita em agosto, Dua Buse seguiu fazendo tratamentos para fortalecer sua saúde. São muitos os sonhos e planos de Dua Buse para que a Escola Viva da aldeia Coração da Floresta seja a base para que jovens e mulheres estudem os conhecimentos ancestrais do povo Huni Kuin. Dua Buse é um grande conhecedor das plantas e das narrativas de seu povo. Fortalecer sua comunidade é muito significativo para que esses saberes sejam transmitidos para as futuras gerações. São muitos os desafios relatados por ele, para que os jovens e mulheres continuem trilhando o caminho do Bem Viver e mantendo vivas as práticas tão importantes para a vida na floresta.



Início das construções de reforma do kupishawa, casa de rezas e reuniões,

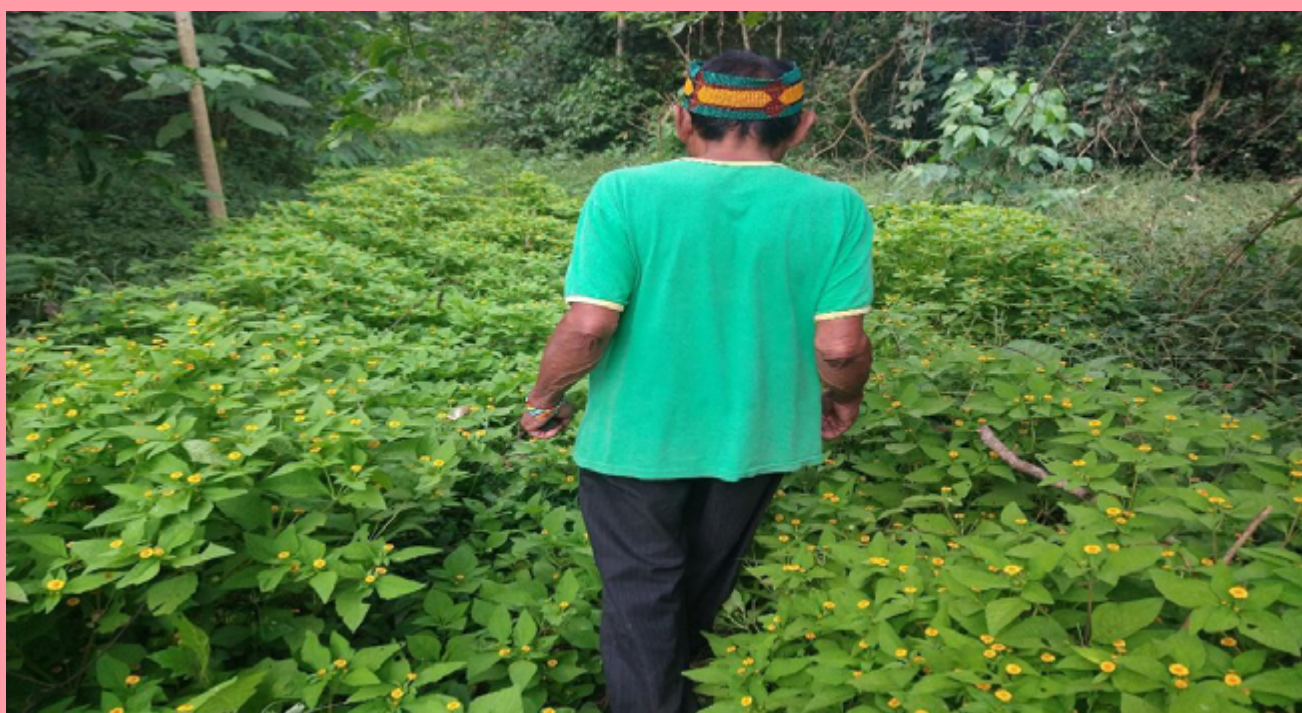
que vem sendo feita com apoio de amigos e parceiros.

No dia 15 de outubro, Dua Buse subiu o Rio Jordão, depois de ter passado mais de um mês na cidade fazendo tratamento de saúde. Esteve durante todo o mês concentrado na Aldeia Coração da Floresta cuidando do parque de medicinas e coordenando a construção do *kupishawa*, a casa de rezas, e a casa dele.

Na comunidade onde ele vive, em meio a floresta, não tem sinal de telefone e nem internet. Então, quando no início do mês, ele e sua família estavam se organizando para subir o rio, Dua Buse me comunicou da viagem e que somente em dezembro desceria para a cidade novamente. Nesse período sem sinal de comunicação por meios tecnológicos, tenho ativado possibilidades de comunicação através dos sonhos, da telepatia e também através de comunicações espirituais, como em mirações na força das plantas mestras.

É muito sensível e delicado coordenar um diálogo de construção criativa e educativa através de metodologias muitas vezes invisíveis e até pouco lógicas aos olhos do mundo ocidental e sistematizado. Venho buscando ampliar minhas percepções no que se refere a transmissão de conhecimentos, mas principalmente com relação a transmissão da informação.

No mundo de hoje tão acelerado, plastificado e metódico, onde se encaixam as formas próprias de se comunicar? A educação nem sempre se passa através do grito, do verbo, da palavra e da escrita, mas para os povos da floresta, os saberes são também transmitidos por códigos invisíveis, através dos sonhos, das visões, das intuições e mirações, que são indescritíveis a “olhos nus”. A Escola Viva “Una Shubu Hiwea” segue viva.



Dua Buse caminhando por entre as medicinas, foto tirada por Carlos Papá durante nossa visita na aldeia Coração da Floresta em maio de 2022.

APNE IXKOT HAMHIPAK ALDEIA ESCOLA FLORESTA DO POVO MAXAKALI

Responsáveis: Sueli e Isael Maxakali

No mês de setembro, a Aldeia Escola Floresta continuou estruturando o espaço da escola, com fogão para fazer merenda, panelas, torneiras para cozinha, espaço para oficinas e materiais para atividades. Entre os dias 5 e 13 de setembro, aconteceu uma oficina de arte na aldeia-escola-floresta. A atividade envolveu lideranças, pajés, jovens e crianças, além dos professores da escola. Com desenhos e pinturas, a maior parte dos trabalhos produzidos se relaciona com o universo ritual de *kotkuphi*, povo-espírito da mandioca. A oficina faz parte de um processo de pesquisa coletiva sobre as histórias antigas desse *yãmĩy* junto com a experimentação de uma nova técnica, a pintura. Ao longo desse percurso, o grupo de artistas está concebendo uma grande instalação de *kotkuphi*, aos moldes do trabalho que apresentaram na 34ª Bienal de São Paulo.



Oficina de artes na Aldeia Escola Floresta



Processos coletivos de criação das artes Maxakali.

De 15 a 25 de setembro, Sueli Maxakali e Isael Maxakali, coordenadores da Escola Viva Maxakali, participaram do “Cura”, um dos maiores festivais de arte pública do Brasil. Fizeram uma pintura de empena. A obra foi pensada a partir dos saberes de um ritual dos Tikmu’un, Maxakali. Foram muitos os elementos trazidos para a criação (besouros, peixes grandes, cachorro, jacaré listrado, estrela, sol, lua, um homem e um morcego), que são seres espírito que compõem a obra de Sueli, que contou com a parceria de seu companheiro Isael para concretizar a produção. Eles contam a história da integração do seu povo à natureza, o que é produzido em cantos. O Sol e a Lua, como astros que conduzem o ritual, materializados numa madeira sagrada, que depois será reintegrada à terra pelos besouros, mostrando o valor de cada ser, por menor que seja, no equilíbrio da vida, segundo a cosmovisão dos indígenas.



Os espíritos Maxakali ocupando BH através da Arte.

No mês de outubro, os coordenadores da Aldeia Escola Floresta realizaram várias atividades de brincadeiras e fortalecimento dos saberes Maxakali. Para as crianças, o ato de brincar reflete no acesso à conhecimentos, seja através dos cantos ou das brincadeiras. Dessa forma, as escolas se constroem para além das paredes, para além dos livros e teorias. As escolas vivas pulsam no dia a dia de cada espaço, entre processos criativos e fazeres de cada território educativo.



Crianças brincando no dia a dia da Aldeia Escola Floresta.



Mulheres Maxakali se pintando e se preparando para atividades culturais.

No dia 17 de outubro, a UFMG outorgou o título de “Notório saber” para quinze mestres e mestras dos saberes tradicionais, entre eles Sueli e Isael Maxakali, coordenadores da Escola Viva Maxakali. Há muitos anos, ambos os dois vem lutando e buscando caminhos para equilibrar o território em que vivem com as práticas do Bem Viver, praticando os rituais, mantendo viva a casa de religião, tão sagrada para seu povo. Através de muita resistência e luta, Sueli e Isael expressam ao mundo a necessidade de manter os cantos vivos, a comunicação com os espíritos e a preservação/recuperação dos territórios de Mata Atlântica, através da arte e do audiovisual.



Momento de recebimento do título de doutor pela UFMG.

No mês de novembro, a Escola Viva Maxakali participou de um intercâmbio com o Assentamento Terra Vista, em Arataca, na Bahia. Foi um encontro muito rico de troca de sementes e mudas, compartilhamento de conhecimento sobre agrofloresta e técnicas de plantio e reflorestamento do território. Os participantes voltaram com muitas mudas e sonhos de ver o território da Aldeia Escola Floresta fortalecido. Desde a retomada que as famílias maxakali fizeram, o principal objetivo é trazer a floresta de volta através da arte e das práticas tradicionais de seu povo. Durante muitos anos, os Maxakali vivem resistindo em meio a muitas situações de violência e enfrentamentos na busca de autonomia.



Momentos de trocas e fortalecimento.



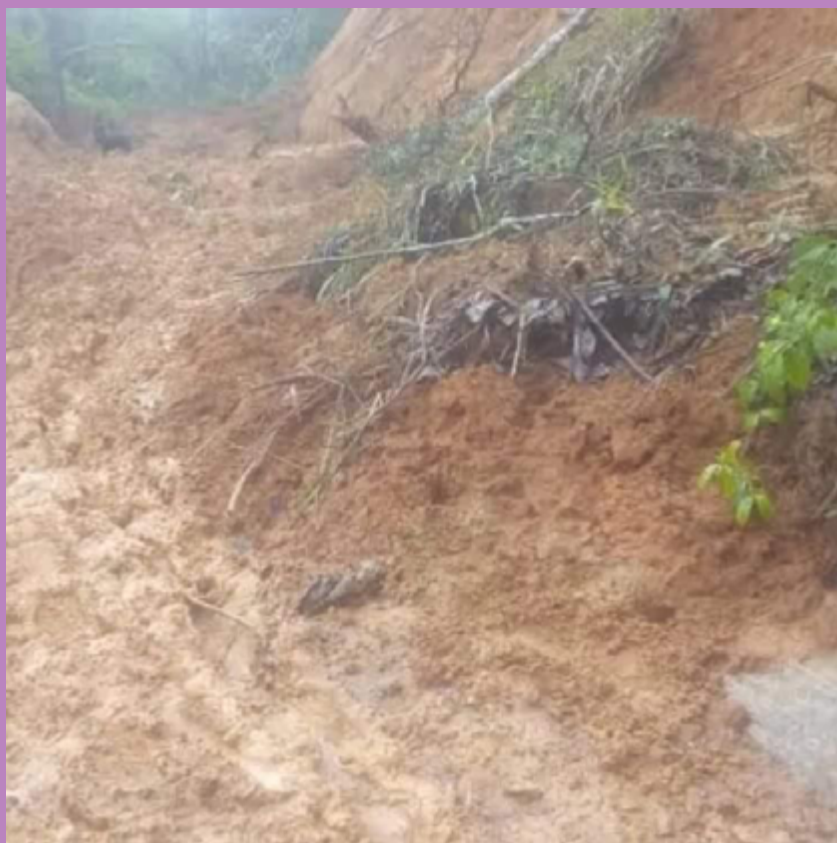
Mulheres Maxakali separando mudas de batata doce.



Caminhadas em busca de sementes e mudas.

Durante o mês de novembro também foram desenvolvidas várias atividades de brincadeiras e transmissão de saberes com as crianças e jovens. Através dos cantos e rezas, o povo Maxakali vem transmitindo a palavra sagrada, os saberes e fazeres ancestrais de seu povo.

No final do mês de novembro, as chuvas fortes na região de Teófilo Otoni atingiram bruscamente as aldeias Maxakali (especialmente a Aldeia Cachoeirinha e a Aldeia Escola Floresta). Muitas casas foram destruídas pelo vento e todas as estruturas que aos poucos eles vinham estruturando na comunidade. A Funai e a prefeitura local foram acionadas para dar apoio com alimentos e lonas, mas o acesso foi interditado pelo excesso de lamas.



Trecho de acesso a aldeia Maxakali com muita lama.

PONTO DE CULTURA “MBYÁ ARANDU PORÁ” DO POVO MBYÁ GUARANI

Responsável: Carlos Papá

No início do mês de setembro, o coordenador da Escola Viva Guarani, Carlos Papá, participou da “Vivência Mulheres, Plantas e Cura”, na Serra dos Paus Dóias, em Exu-PE na Chapada do Araripe. Junto com Djeguaká Bruno e Kauê Karai, vivenciaram momentos muito profundos de diálogos e trocas, sobre agrofloresta, meliponário e fortalecimento espiritual.

Esses conhecimentos foram muito importantes, pois um dos sonhos da Escola Viva Guarani é iniciar um trabalho com crianças e jovens de criação de abelhas nativas.



Carlos Papá registrando momentos da vivência.



Apresentação do meliponário com Silvanete e família.



Momentos de colheita de ervas para destilação.



Roda de conversas sobre a luta e resistência.

Nos dias 13 e 15 de setembro, representantes da Escola Viva Guarani participaram de um Seminário de alinhamento na “Tava, Museu das Culturas Indígenas” em São Paulo. O 1º Tava - seminário de alinhamento interno- com o Conselho Indígena Aty Mirim e o Museu das Culturas Indígenas /MCI permitiu um amplo diálogo entre os integrantes do Aty Mirim, a equipe técnica do MCI / Acam Por-tinari e o Instituto Maracá, em torno de questões referente ao planejamento e a instituição de mecanismo, instrumentos e processos de gestão compartilhada e participativa. Foi um encontro de três dias, conversando sobre memórias, artes, histórias, culturas e saberes indígenas, através de debates e diálogos em grupo de trabalho, rodas de conversa e assembléias. Através de pinturas, danças, cantos, rituais, desenhos, trocas de presentes, exercícios expográficos e outras atividades de Artes e Educação, os participantes realizaram trocas de experiência e conhecimentos voltados à construção coletiva de propostas de ações para o projeto técnico e político do MCI.



Diálogos em construção: Que Museu queremos?



Troca de saberes com jovens



Trabalhos em grupo, discussão acerca da construção de modelo de museu indígena.



Entre os dias 25 e 29 de setembro de 2022, Carlos Papá esteve na Conferência Indígena da Ayahuasca, na sede do Instituto Yorenka Tasorensti, em Marechal Thaumaturgo/AC. A conferência foi um importante espaço de discussão e deliberação, com foco em temas que permeiam os usos e costumes das diversas medicinas tradicionais dos povos indígenas, em especial da Ayahuasca, denominada diferentemente por cada povo que a utiliza: *Kamarãpi*, *Huni*, *Uni*, *Hëu*, *Timbu*, *Caapi*, dentre outros.

Desde sua primeira edição em 2017, diferentes autoridades espirituais indígenas, instituições governamentais, organizações da sociedade civil, parceiros e colaboradores da causa indígena se encontram para refletir e debater assuntos envolvendo os direitos e a autonomia dos povos indígenas quanto ao uso e à regulação de suas práticas culturais, com foco na espiritualidade e nos conhecimentos associados à medicina tradicional indígena, incluindo suas variedades de plantas, ervas e dietas.



Momentos de trocas e muitos aprendizados durante a conferência da Ayahuasca.



Conferência Indígena de Ayahuasca.

No início do mês de outubro, a escola viva “Arandu Porã” organizou uma oficina de meliponário, junto com Marcio Wera Mirim da aldeia Yvy Porã, da Terra Indígena do Jaraguá. Foram dias muito especiais, nos quais dialogamos, aprendemos e recebemos abelhinhas nativas da Nhe’ëry - Mata Atlântica: mandaguari preta, mandaçaia, jataí e uruçu amarela. Durante a oficina, pudemos compartilhar muitos saberes sobre as sagradas abelhas sem ferrão, que polinizam e encantam a terra.



Crianças participando da oficina de meliponário.



Morada das abelhas nativas.



Assistindo o documentário Oremba’e Eí Yma Guare.
Fotos da oficina: Anai Vera.



Momentos da oficina.

Durante a oficina assistimos o documentário “*Oremba’e Eí Yma guare, O Mel do passado*”, que mostra a cosmovisão Guarani Mbya, da Terra Indígena do Jaraguá, sobre as abelhas indígenas sem ferrão, a partir da construção de um meliponário dentro da aldeia. “O mel do passado foi uma busca de fortalecimento cultural importante para o povo guarani e a construção de um recado fundamental de conscientização e alerta à sociedade e ao poder público sobre a importância que as abelhas sem ferrão tem para a vida e para a preservação do meio ambiente”, explicou Thiago jovem liderança da aldeia Yvy Porã.

No dia 15 de outubro, realizamos o *Ka’a Nhemongarai*, cerimônia da erva mate, que simboliza o início do Ara Pyau, o tempo novo guarani. O tempo guarani é dividido em *Ara Pyau* e *Ara Ymã*, Tempo Novo e Tempo Velho. Em cada mudança do tempo se faz a cerimônia da erva mate. Essa cerimônia é muito sagrada para o fortalecimento de toda a comunidade, momento em que jovens e crianças são abençoados na força revitalizante da Ka’a.

Nesse ritual em especial tivemos a honra e alegria de fazer um parto durante a noite, sendo iluminados pela chegada de um lindo ava'i, menininho.



Durante a cerimônia da *Ka'a Nhemongarai*.

No dia 23 de outubro, nos reunimos no Rio de Janeiro para o lançamento do livro “Plantas Mestras: tabaco e ayahuasca”. Nesse encontro, tivemos um diálogo acerca da ayahuasca e do tabaco com Carlos Papá, Jeremy Narby, Ailton Krenak e Lastenia Canayo - Peconquena. Foi um momento muito importante para agradecer a todos os apoiadores das Escolas vivas e também para trocar experiências com a visita da artista shipibo, Peconquena, grande conhecedora do mundo das plantas. Após o encontro ela passou alguns dias visitando a minha comunidade Rio Silveira e a Escola Viva Arandu Porã. Nesses dias pudemos caminhar pela floresta, conversar sobre os seres donos guardiões de tudo que habita na floresta, conversar sobre arte e espiritualidade. Fizemos algumas caminhadas até o mar, também pelas cachoeiras e matas da nossa Nhe'ëry. Desses encontros criativos brotam pensamentos pulsantes dentro da gente.



Plantas professoras nos abrem
E nos mostram caminhos
Guiados por flechas / rezas
Que lançam sementes de transformação ao mundo
Canoas da imaginação nos conduzem ao infinito,
ao escuro de onde brotam seres invisíveis
com sabedoria e criatividade.

Nos dias de hoje, a evitação surge como prática
de cuidado e atenção com o próprio corpo...

Cantando, dançando passando pelo fogo
Equilíbrio e concentração

Desequilíbrio e desatenção,
consequência das vidas aceleradas,
do consumo e do mundo da mercadoria.

A estética do cemitério obscurece
a essência selvagem dos seres todos.

Flechas regenerantes são necessárias
para metamorfosear as relações humanas
E curar as cidades / hematomas do planeta
que queimam sufocando as veias da Terra...

Os rios seres sagrados,
merecem respeito e cuidado!

A grande teia da vida
pulsa a cada novo dia

Basta sentir!

Se permitir transcender
a própria existência!



Profundos momentos com Lastenia Canayo Peconquena.

No mês de novembro, a Escola Viva Guarani seguiu desenvolvendo atividades de fortalecimento cultural e espiritual realizando cerimônias de cura e estudos com plantas mestras. Também houve atividades de cuidado com o viveiro de plantas medicinais e frutíferas. O nosso viveiro está preparando algumas mudas para serem levadas para Aldeia Escola Floresta na visita em dezembro.

No dia 17 de novembro a escola viva recebeu a visita do Colégio São João do município de Ilha Bela. Os jovens vieram acompanhados da professora de História e Artes para conhecer a comunidade e pesquisar questões relacionadas à espiritualidade e religião indígena. Eles foram recebidos no Ponto de Cultura Arandu Porã, visitaram o meliponário acompanhado de Djeguaka e depois caminharam até a Opy, Casa de Rezas. Lá ficamos um tempo dialogando sobre o tempo, a vida, a morte, sobre o nascer, o curar e as formas de transmissão tradicional de conhecimento. Foi um momento muito especial de quebrar alguns estereótipos criados na imaginação das crianças e jovens não indígenas, muitas vezes enaltecidos nos livros de história, da figura do “índio”, sem Deus e sem alma. A escola deveria ter um papel fundamental na formação do pensamento das crianças, mas até hoje não prioriza um caminho que leva ao entendimento que conduz a prática do respeito à diversidade.



Visita de jovens estudantes na Escola Viva Guarani.

No dia 22 de novembro, a coordenadora da Escola Viva foi convidada pelo Instituto Tomie Ohtake, em parceria com o Consulado Francês, para participar de uma conversa durante o ciclo de debates: As Imagens do Antropoceno, “ Descolonizando a Ecologia”. No encontro - o segundo do ciclo - haverá uma conversa entre o pensador Malcom Ferdinand, que participará virtualmente, com Cristine Takuá e Marcelo Rocha, e mediação de Jaime Lauriano.



Diálogos no Instituto Tomie Ohtake.

No dia 29 de novembro, o coordenador da Escola Viva Arandu Porã, Carlos Papá foi convidado para participar do evento “Alteridades vegetais: emaranhamentos multiespecíficos com as plantas”, na Universidade de São Paulo.

O tema da apresentação de Papá junto a Anai foi: “Ajepota ka’aguy rokýre: o encantamento dos brotos e das plantas”, uma narrativa de como surgiram as coisas no meio do escuro nos tempos antigos, a partir de uma aproximação da sabedoria e do pensamento Guarani, através de uma crítica ao termo “mata atlântica” e um debate sobre termos guarani relacionados às plantas e à floresta para compreender que, tudo que nasce, dança, e produz encantamento.



Encontros vegetais na USP.

CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA "BAHSERIKOWI" DOS POVOS TUKANO, DESSANO E TUYUCA

Responsável: João Paulo Barreto

No mês de setembro, o Centro de Medicina de Indígena Bahserikowi, em parceria com FIOCRUZ/AM, promoveu oficinas sobre as medicinas nos estados do Amazonas, Roraima, Pará e Maranhão. O papel do Bahserikowi é de incentivar povos dos outros estados a lutar pelo reconhecimento de suas práticas medicinais nas políticas públicas. Foi falado sobre a experiência de cinco anos do Bahserikowi, mostrando a importância da medicina indígena.

Oficina de medicina indígena Guajajara

O Fundador, João Paulo Lima Barreto, e o Coordenador, Ivan Menezes Barreto, do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, estiveram participando da Oficina Medicina Indígena Guajajara, na aldeia Lagoa Quito no Estado do Maranhão.



Momentos de trocas e aprendizados durante as oficinas.



Festa de inserção à vida adulta aos seis jovens Guajajara.

Oficina de Medicina Indígena dos povos indígenas de Roraima

O Coordenador do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, Ivan Menezes Barreto, a convite do Conselho Indígena de Roraima – CIR, esteve participando da Oficina de Medicina Indígena do povo de Roraima em Boa Vista.



Visita a Museu Etnográfico em Letícia.

Os *kumuã* (pajés) do Bahserikowi visitaram o Museu Etnográfico em Letícia, na Colômbia. Aproveitaram a viagem para participar da oficina de medicina indígena Tukano, para conhecer o museu e trocar experiências de trabalhos na reconstrução de saberes com a liderança Tikuna da Colômbia.



Imagens das caminhadas durante visita ao Museu Etnográfico na Colômbia.

Encontro de kumuã Tukano, Dessano e Tuyuca: Decifrando conceitos indígenas



Intercâmbios e troca de saberes.

Lançamento de livro

No dia 6 de outubro, foi realizado um evento no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, junto com um dos parceiros, o professor e doutor Luiz Davi Viera Gonçalves, coordenador do Instituto de pesquisa Tabihuni e professor adjunto da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e também performer, diretor de teatro, antropólogo e artista. Ele lançou um livro com o tema: “Do sopro ao afeto: Corpos *kōkāmou* na experiência xamânica”.

A obra contempla uma vivência de pouco mais de dez anos de Davi Gonçalves como o povo Yanomami, com uma versão reduzida da pesquisa de pós-doutorado e o doutorado sobre corpo e xamanismo, conceitos analisados pela antropologia e que tratam sobre cosmologia e pensamento indígena.



Trocas de experiência e lançamento do livro “Do sopro ao afeto: Corpos *kōkāmou* na experiência xamânica”.

Vivências Interculturais de Tabihuni e Bahserikowi

No dia 14 de outubro de 2022, foi realizado o terceiro encontro entre integrantes do Tabihuni e Bahserikowi, pelo projeto “*Ukese Bahsemerise– Diálogo: Arte e Bahsesé*”, contemplado pelo edital geral do Fundo Brasil de 2022, com a parceria dos alunos e professores do teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Há dois anos atrás, o Centro de Medicina Indígena Bahserikowi firmou uma parceria com Instituto de Pesquisa Tabihuni para iniciar um trabalho coletivo sobre teatro e medicina indígena, com o objetivo de discutir a possibilidade transmitir o Bahsesé através do teatro, com atos e mensagens; além de repassar as nossas danças e cantos que não é possível expressar em palavras, pois os conhecimentos indígenas são muito complexos.



Momento de diálogos e trocas.

Oficina de Medicina Indígena com o povo Yanomami

Em parceria com a FIOCRUZ, o Bahserikowi organizou a Oficina de Medicina Indígena no território Yanomami, no município de São Gabriel da Cachoeira no Amazonas. Durante o evento, houve muita troca de experiências sobre o enfrentamento à Covid-19. Durvalino, o *kumu* do Bahserikowi, atendeu muitas pessoas Yanomami doentes. Os especialistas *kumuã* do Bahserikowi e os especialistas Yanomami falaram de suas experiências de enfrentamento à Covid-19 com bahsesese (benzimentos) e o uso de plantas medicinais.



Intercâmbio e troca de saberes com parentes Yanomami.

Oficina de Medicina Indígena com o povo Tikuna, Kokama

Em parceria com a FIOCRUZ, o Bahserikowi organizou também a Oficina de Medicina Indígena com o povo Tikuna, Kokama, na região do Alto Solimões, no município de Tabatinga, Amazonas. O objetivo foi trocar experiências de enfrentamento à Covid-19. Durvalino e Anacleto, *kumuã* do Bahserikowi, atenderam muitas pessoas Tikuna e Kokama doentes.



Oficina de Medicina Indígena

No início de novembro a equipe do Centro de Medicina Bahserikowi foi convidada a participar da exposição “Língua, Memória e Transformação” realizado no Museu da Língua Portuguesa, O Centro trabalha com a protagonização e valorização da cultura, medicina e cosmologia indígena voltada aos povos do Alto Rio Negro especificamente da região do Rio Tiquié.



Participação na exposição Línguas Indígenas no Museu da Língua Portuguesa.

No dia 14 de novembro, o fundador do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, João Paulo Lima Barreto, mediu a palestra sobre “Medicina Indígena” na 6ª Conferência Nacional de Saúde Indígena. Ele avaliou as perspectivas apontadas no evento para a atualização da “Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas” e das diretrizes para o fortalecimento do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena. O evento foi realizado em Brasília e foi organizado pelo Conselho Nacional de Saúde e pela Secretaria Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde.



Participação durante a Conferência de Saúde indígena

No dia 17 de novembro, o fundador do Centro Bahserikowi mediu a palestra sobre Medicina Indígena, realizada na aldeia Urunai dos povos Tiriyo e Kaxuaiana, localizada no Parque Indígena Tumucumaque no estado do Amapá. Essa foi uma instância máxima de discussão e de elaboração de diretrizes sobre a política de saúde indígena do Brasil, considerando que o Bahserikowi trabalha com a valorização de conhecimentos sobre a medicina tradicional. Ter representantes ocupando esses espaços é importante para fortalecer o protagonismo indígena, servindo como empoderamento frente a reivindicação de seus direitos básicos, assim como o direito à saúde. Participaram dessa Conferência, os conselheiros distritais, profissionais de saúde dos Distritos de Saúde Especial Indígena (DSEIs) e lideranças indígenas de todo o Brasil.



Intercâmbio entre povos para tratar da medicina tradicional indígena.

No dia 10 de novembro, foi realizado um evento aberto ao público para apresentação da defesa da tese de doutorado de Dagoberto Lima Azevedo, do povo Tukano, primeiro indígena a defender uma tese de doutorado escrita integralmente na língua Patrilinear tukano, intitulada: “*Patú:u´ Mu Ku oão´Puri/ Páti: Pó da memória e o conhecimento*”.



Durante a participação no Museu da Língua Portuguesa

Este relatório conta com a colaboração de Anai Vera.

Sou CRISTINE TAKUÁ, povo Maxakali, educadora, mãe, parteira, pensadora, gosto de cuidar das plantas e aprender com elas. Sou diretora do Instituto Maracá e venho junto com outras lideranças desenvolvendo projetos de fortalecimento cultural. Estudei Filosofia na Unesp de Marília e venho ao longo de anos pensando nas filosofias ameríndias e nas possibilidades de descolonização do pensamento, para contrapor a monocultura colonial que domina as formas de transmissão de conhecimento. Sou uma das fundadoras do Fapisp (Fórum de articulação dos professores indígenas de SP). Cuido do diálogo com as quatro escolas vivas, pensando em intercâmbios e contribuindo para a continuidade desses sonhos.

A SAÚVA é uma associação sem fins lucrativos, que trabalha em rede, na promoção da sustentabilidade, autonomia e circularidade de projetos e empreendimentos; se motiva pela regeneração do ambiente em sua integralidade; pela redução da desigualdade social; pela troca de saberes com povos e culturas tradicionais do Brasil; pela prática da auto-educação e pela cocriação de outras formas de relação econômica.

ANAI G. VERA BRITOS é paraguaia e mora no Brasil. Estudou biologia na UFMS, mas mudou de profissão ao virar mestra em Antropologia pela UFSC. Atualmente é doutoranda em Antropologia Social pela USP. Pesquisa sobre a etnologia guarani e outros povos das terras baixas sul-americanas. Sonha com contribuir como enlaçadora e tradutora de mundos.

Contato: anaivera@usp.br

SELVAGEM

ciclo de estudos sobre a vida

oferece gratuitamente cadernos, conversas, ciclos de leitura e audiovisuais .

Seu interesse e participação dão sentido e motivam nossa existência.

Caso deseje retribuir às atividades oferecidas,
sugerimos apoio às Escolas Vivas.